

A Divinização de Enéias no Lácio: De um Herói Desaparecido a *Pater Indiges*

Thiago Eustáquio Araújo Mota*
Ana Teresa Marques Gonçalves**

Resumen

La deificación de Eneas es el aspecto de un mito con varias capas temporales que encuentran registro en la literatura del Principado y especialmente en la Eneida. Proponemos en este artículo una búsqueda de este tema -y del propio epíteto de culto, Indiges- en los autores griegos y latinos precedentes a Virgilio y en la documentación arqueológica, teniendo a la vista su vinculación con la topografía del Lacio antiguo. El artículo es una descripción del motivo de la apoteosis a partir de las fuentes en las que aparece y un estado de la cuestión de lo estudiado hasta el momento. Mucho antes de que los Iulii Caesares se inserten en el árbol genealógico de este héroe a partir de Ascanio/Iulo varios indicios sugieren la existencia de un culto a Eneas como fundador de Lavinio. A través del testimonio de Catón, Casio Hemina y más específicamente de Dionisio de Halicarnaso y de Tito Livio, conocemos que el hijo de Venus y Anquises recibía un tipo específico de adoración que lo aproximaba a las deidades ctónicas y lo unía a un posible heroon/cenotafio.

Palabras clave: Eneas - Deificación - Mito - Lavinio - Lacio antiguo - Arqueología

Abstract

The deification of Aeneas is the aspect of a myth with several temporal layers that are recorded in the literature of the Principate and especially in the Aeneid. We propose in this paper a mapping of this issue - and the epithet itself, Indiges - in the Greek and Latin authors previous to Virgil as well as in the archaeological documentation, given their relation to the topography of the ancient Lazio. The article is a description of the apotheosis from the sources listed and an assessment of the question of what has been studied about. Well before the Iulii Caesaris inserted themselves in the family tree of this hero, claiming descendancy from Ascanio / Iulo, several indications suggest the existence of a cult of Aeneas as the founder of Lavinium. Through the testimony of Cato, Cassius Hemina and more specifically of Dionysius of Halicarnassus and Livy, we know that the son of Venus and Anchises received a specific kind of worship that approached him to the chthonic deities and linked him to a possible heroon / cenotaph.

* Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de Pernambuco (UPE).
E-mail: theamotta@gmail.com

** Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Goiás (UFG), Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).
E-mail: anateresamarquesgoncalves@terra.com.br

Key words: Aeneas - Deification - Myth - Lavinium - Ancient Lazio - Archaeology

Recepción del original: 22/10/2015

Aceptación del original: 15/04/2016

Observações Preliminares: A Divinização Heroica em Virgílio

Na *Eneida*, Virgílio dialoga com duas versões que se formaram sobre o *grand finale* de Enéias: na primeira delas o herói desaparece e morre insepulto nas águas do rio Númicio; já na outra variante do mito -muito provavelmente, um desdobramento da primeira- o herói é transportado para junto dos imortais e cultuado sob o epíteto de *indiges*.¹ O épico virgiliano faz juz à complexidade polissêmica dos mitos e impressiona pela habilidade de coligir vertentes de um repertório temporal variado. O tema da divinização de Enéias não aparece nos registros textuais antes do século II a.C e muito por influência da *Eneida* o mote reverberou nos versos do poeta Ovídio² e assim como ganhou espaço nas investigações de historiadores e antiquários do Principado. Virgílio promete ao herói troiano e seus longínquos descendentes (César e Otávio) um tipo de elevação sideral garantida pelo *fatum* e confirmada em várias passagens do poema. Desta maneira, cria um efeito de aproximação temporal com o passado recente e projeta no horizonte de expectativa a *consecratio* do *Princeps*. Em nossa opinião, o poeta se inspirou nos eventos que marcaram a *consecratio* de César e no precedente oferecido por Rômulo para delinear o quadro de uma divinização *ad sidera* para Enéias sem, contudo, negligenciar as narrativas que enraizaram este herói de procedência homérica no Lácio.³ Neste artigo, buscamos demonstrar a propósito do rastreamento semântico e histórico do termo *indiges* que Virgílio, ao prometer a divinização de *Enéias* através da profecia de Júpiter no Livro XII da *Eneida*, opta por incorporar um epíteto que guarda uma relação remota com o culto do herói em Lavínio, testemunhado pela documentação literária e sugerido pela evidência arqueológica.

No épico virgiliano a divinização heroica desponta em um plano temporal distinto daquele em que se desenrola a ação no poema. Insere-se em um ‘futuro prognosticado’, em um plano estabelecido para além da ação humana no épico romano. Mais do que superpostas, essas dimensões temporais encontram-se mescladas na trama. Como característico dessa epopeia mítico-poética de cunho histórico, o empreendimento troiano no Lácio está amarrado a todo o desdobramento ulterior da História Romana e ao desenvolvimento excepcional da *urbs*. Esse futuro chega ao conhecimento do interlocutor através das profecias de Júpiter⁴ e de outros expedientes narrativos caracterizados pelo

¹ Sobre esta discussão conferir James OHARA, *Death and Optimistic Prophecy in Vergil's Aeneid*, Princeton University Press, pp. 94-117; Maurizio BETTINI y Mario LENTANO, *Il mito di Enea. Immagini e Racconti dalla Grecia a Oggi*, Torino, Giulio Einaudi, 2013.

² Para um estudo comparado do tema da divinização de Enéias nas *Metamorfoses* de Ovídio e na *Eneida* de Virgílio cf. Thiago Eustáquio ARAÚJO MOTA, “Na trilha do etéreo: A divinização da Domus Iulia na Eneida de Virgílio e nas Metamorfoses de Ovídio”, *Revista De Rebus Antiquis - Proyecto de Estudios Greco-Romanos*, Buenos Aires, vol. 1, núm. 2, 2012, pp. 89-122.

³ HOMERO, *Iliada*, V, 299-302; XX, 302-303 y 306-308.

⁴ VIRGÍLIO, *Eneida*, I, 223-304; XII, 791-842.

uso da progressão e das equífrases, como a conhecida descrição do escudo de Enéias.⁵ Em parte, deste ‘futuro prognosticado’, o público romano poderia reconhecer sua tradição heroico-histórica, assim como poderia discernir acontecimentos de seu próprio tempo, por vezes, recentes na memória, como a Divinização de César ou a Batalha do Ácio, o Triunfo de Augusto e os funerais de Marcelo. Para o herói Enéias, no entanto, ele se manifesta em potência, assim como um devir envolto nas brumas oraculares do qual consegue apenas lampejos. Ao contrário da infâmia sofrida na Guerra de Tróia, que provoca as lágrimas e a amargura de Enéias, esse ‘futuro prognosticado’, por vezes incompreensível, o surpreende e o entusiasma, motivando-o a agir ou depositar sua confiança nas disposições do *fatum*.

Unicamente uma parcela do porvir se abre ao conhecimento do herói que gradativamente torna-se cômico da missão fundadora que o aguarda e das provações que deve enfrentar no Lácio. O destino *-fatum-* não informa Enéias das circunstâncias excepcionais que cercarão sua morte, nem ao herói, diretamente, é prometida a imortalidade. Toda a conversa sobre a divinização do filho de Anquises e sua futura acolhida no grupo dos imortais passa-se numa dimensão distinta da humana. As duas referências detectadas na *Eneida* e que analisamos a seguir aparecem nos diálogos travados no Olímpo, mais especificamente nas revelações de Júpiter sobre o futuro do povo troiano. Posicionados nas extremidades do épico virgiliano,⁶ os diálogos olímpicos têm em comum o ensejo, ou seja, a fúria de Juno e a persistência do rancor contra os teucros. Ambos terminam com as revelações proféticas de Júpiter e a determinação irresoluta do Onipotente em preservar incólume o fio do destino.

No Livro I da *Eneida*, a profecia de Júpiter dirige-se às aflições de Vênus que teme pela conservação do filho e a realização das glórias que lhe reservam os fados. Inquietações que originam da tempestade que Juno, com a ajuda dos ventos, incita contra os troianos, dispersando grande parte da frota e levando a pique várias embarcações.⁷ Desrespeitado em sua soberania, Netuno intervém, espantando os ventos que revolvem seu domínio aquoso.⁸ Aplacada a tormenta, Vênus corre ao encontro do pai, questionando a razão das adversidades que caem sobre a prole. Júpiter é nomeado aquele que ‘com eterno domínio governa o mundo dos homens e dos deuses’ - *qui res hominumque deumque aeternis regis imperiis*.⁹

Vênus demanda do Onipotente não a revelação de um futuro insondável aos imortais, mas a confirmação de um conteúdo profético, aparentemente, contrariado pelas maquinações de Juno. Nesta passagem, a divinização de Enéias é pela primeira vez citada no poema:

[*Nos, tua progenies, caeli quibus adnuis arcem*]¹⁰

Nós, descendência tua, a quem consentes o pináculo do céu.

No verso acima *nos* e *tua progenies* são termos covalentes e sublinham a posição de Enéias como neto de Júpiter. O emprego do verbo *adnuo* ‘consentir’, aqui na segunda

⁵ VIRGÍLIO, *Eneida*, VIII, 608-728.

⁶ VIRGÍLIO, *Eneida*, I, 223-304; XII, 791-842.

⁷ VIRGÍLIO, *Eneida*, I, 80-123.

⁸ *Ibid.*, 124-156.

⁹ *Ibid.*, 228-230. Para o texto latino utilizamos a seguinte edição: VIRGIL, *Aeneid*, Trad. Rushton Fairclough, London, William Heineman, 1916. (The Loeb Classical Library).

¹⁰ VIRGÍLIO, *Eneida*, I, 250. Para as traduções em português utilizamos a seguinte edição VIRGÍLIO, *Eneida*, Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva (Livros IX - XII), São Paulo, Martins Fontes, 2004.

pessoa do indicativo, é bastante eloquente uma vez que remete ao conhecido gesto de Júpiter de confirmar suas sentenças com um solene aceno com a cabeça. Abragendo um total de quarenta hexâmetros, a profecia do Pai dos Deuses é uma manifestação incontestada do favor divino para com a descendência de Enéias e a cidade de Roma:

[*Parce metu, Cytherea: manent immota tuorum
fata tibi; cernes urbem et promissa Lavini
moenia, sublimemque feres ad sidera caeli
magnanimum Aenean; neque me sententia vertit*]¹¹

[Não tenhas medo Citeréia: imotos
Os destinos dos teus se te conservam.
De Lavínio a cidade e os prometidos
Muro verás; será por ti aos astros
O magnânimo Enéias sublimado:
E deste meu propósito não mudo]

Como sugerem esses hexâmetros, Enéias destina-se ao etéreo e residência dos deuses olímpicos e não ao mundo inferior ou aos Campos Elíseos - morada dos bem aventurados, onde o herói encontra a sombra do pai Anquises no Livro Sexto da *Eneida*. Cabe ressaltar o papel de Vênus na acolhida de Enéias e sua introdução na esfera celestial.

No Livro XII, encontramos a repetição da mesma profecia pelo pai dos deuses. No diálogo olímpico que antecede o esperado confronto entre Enéias e Turno, Juno, desolada com o prenúncio da derrota do rútilo, seu protegido, roga ao marido que impeça o desaparecimento dos costumes latinos sob a iminência do mando troiano.¹² O Soberano divino desvela a trama dos acontecimentos futuros, garante à esposa que os ausônios (itálicos) conservarão os costumes e a língua paterna enquanto os troianos se unirão às famílias latinas, compartilhando com essas os sacrifícios e os ritos.¹³ Jôve ressalta que de

¹¹ VIRGÍLIO, *Eneida*, I, 257-260. Cabe ressaltar que no hexâmetro duzentos e cinqüenta e nove, o tradutor José Victorino Barreto Feio, por razões estilísticas, opta por traduzir a expressão '*feres ad sidera*' por 'ser [Enéias] aos astros sublimado'. O verbo *fero* (transportar), que aparece na segunda pessoa do singular do presente do indicativo, encontra-se em referência ao acusativo plural *sidera* que antecedido pelo sintagma preposicionado *ad* deve ser traduzido como 'para' ou 'para junto de'. Por sua vez, *sublimem* aparece no mesmo hexâmetro como adjetivo que acompanha o acusativo singular *Aenean* e não com a função sintática de participio, como aparece nesse tradutor. Apesar de bastante conhecida, a tradução de Carlos Alberto Nunes para esses dois hexâmetros da *Eneida* modifica completamente o sentido de divinização celeste ao considerar que o nome e não o próprio Enéias alcançará os astros:

[*(verás) ... até aos astros o nome elevar-se de Enéias*

de alma sublime. Mudança não houve no meu pensamento]. VIRGÍLIO, *Eneida*, I, 259-260.

Neste trecho específico não existe nenhuma referência a nome ou fama do troiano alçados às estrelas. *Aenean*, como marca de acusativo singular, revela claramente quem sofre a ação na frase. Para, especificamente, os dois últimos versos do trecho citado, a tradução de H. Rushton Fairclough da coleção LOEB nos parece mais literal e atenta ao emprego dos casos em latim:

[*Tu deves transportar para as alturas do céu estrelado, o sublime e magnânimo Enéias. Nenhuma opinião transformou-me*]. VIRGÍLIO, *Eneida*, I, 259-260.

¹² Na *Eneida* os costumes troianos mesclados aos latinos resultarão nos romanos.

¹³ VIRGÍLIO, *Eneida*, XII, 834-836. Essa união é selada pelo casamento de Enéias com Lavínia, filha do rei Latino, a quem um aviso oracular destinava ao consórcio com um príncipe estrangeiro. A profecia em questão relaciona-se ao Loureiro, consagrado a Apolo, que Latino preserva nos fundo do palácio. Incomodado com

troianos e latinos virá uma estirpe de homens piedosos que a todos superará na devoção.¹⁴ Antes, porém, menciona que o *indiges* Enéias alcançaria os astros:

[*indigetem Aenean scis ipsa et scire fateris deberi caelo fatisque ad sidera tolli*]

[Bem sabes e confessas saber, que ao céu se deve o *indiges* Enéias e os fados o levantam às estrelas]¹⁵

Percebemos que a profecia não apenas se repete, mas é anunciada nos mesmos termos pelo filho de Saturno, ou seja, o transporte do herói à esfera sideral: *ad sidera* - dessa vez em referência aos verbos *debeo* (cumprir ou dever) e *tollo* (ser carregado, ser transportado), ambos no infinitivo presente passivo.¹⁶ Como é perceptível nesta passagem, o poeta descreve a divinização de Enéias em termos de uma elevação celestial a qual agrega seu antigo epíteto de culto latino, *Indiges*. Virgílio dialoga com as narrativas que enraizaram Enéias nas práticas de culto e na topografia do Lácio e, ao mesmo tempo, como explicitamos acima, garante a divinização do herói em termos semelhantes à de César, ou seja, sua transposição para a esfera sideral.

O Epíteto *Indiges*: Breve Mapeamento Semântico e Etimológico

As profecias de Júpiter nas passagens citadas colocam em evidência o teor etiológico da narrativa: agrega a sorte do herói à dimensão de um porvir distante e ao destino do povo romano. Se, em vida, Eneias é reconhecido como varão insigne pela *pietas*, por que o epíteto *indiges* e não *pious* o caracteriza enquanto herói divinizado? A princípio diríamos que a *pietas*¹⁷ é um valor peculiar ao entendimento de condição humana, ao passo que *indiges* é

os prodígios que começam a cercar essa árvore e a princesa laurentina, o rei sai em consulta dos oráculos de seu pai, Fauno. VIRGÍLIO, *Eneida*, VII, 60-106. Do último, uma misteriosa voz na floresta anuncia que Lavinia não podia ser entregue a um consorte latino e que ao rei cabia um genro estrangeiro. Como ressalta Richard Saller, a filha é a única esperança de preservação da *domus* de Latino, compreendida como esse grupo estendido de parentesco. RICHARD SALLER, *Patriarchy, Property and Death in the Roman Family*, Cambridge, University Press, 2004, p. 85; VIRGÍLIO, *Eneida*, VII, 52. Por meio do matrimônio, Enéias integra-se à *domus* de Latino, por sua vez, herdando o trono e as tradições do reino. Tanto a união das casas representa a conjunção desses povos sob um único mando e lei quanto demonstra a integração da *Domus Iulia* numa ancestralidade itálica. VIRGÍLIO, *Eneida*, XII, 838-840.

¹⁴ *Ibid.*, 794-795.

¹⁵ OXFORD LATIN DICTIONARY, 1968, p. 486.

¹⁶ Em síntese, a *pietas* romana remete a um vínculo e sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos e parentes). Segundo Maria Helena da Rocha Pereira, “esse vínculo afetivo entre os membros de uma família, a *pietas*, acabava alargando-se à divindade e compreendia também as suas relações com o poder”. MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA, *Estudos de História da Cultura Clássica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. 2, 2002, p. 340. Como contrário dessa devoção aos vínculos e obrigações, a *impietas* compreende, segundo John Scheid, um estado de impureza na alma. Consistia em recusar aos deuses as prestações e o lugar ao qual têm direito. JOHN SCHEID, *La Religion Des Romains*, Paris, Armand Colin, 1998, p. 26. A quebra desse pacto que regia a relação do homem com os deuses e seus próximos, implicava em terríveis sanções morais e religiosas. Além das punições que a cidade podia infligir o ímpio, como *sacer*, era remetido aos deuses para que fizessem justiça. Saller problematizando a construção de um patriarcalismo fechado no âmbito da *domus*, ressalta que a *pietas* não é um valor assimétrico exercido, tão somente, no interesse do *pater familias* ou um mascaramento da *potestas* e da submissão filial. Para esse autor os textos literários indicam que a base da *pietas* é a devoção recíproca aos membros da família. A *pietas* alimenta a obrigação dos pais para com as crianças e para com os velhos e todos aqueles a quem acreditavam

o epíteto que reconhece Enéias como *diuus* e não como homem. Da mesma forma, Rômulo divinizado é lembrado e invocado sob o título de *quirinus*.¹⁸ No entanto, o que devemos compreender por *indiges*? Não existe uma resposta consensual para o sentido e a origem do termo, o que transparece nas próprias traduções da *Eneida* que aqui empregamos.¹⁹

Preferimos conservar o epíteto no latim tanto pela ausência, pelo menos no português, de um correlato preciso para *indiges*, quanto pelos problemas de definição que o termo oferece. Das duas definições apresentadas pelo *Dicionário Oxford de Latim*, *indiges* diz respeito: a) a um título obscuro aplicado a certas deidades locais assinaladas em oposição às divindades estrangeiras, vindas de fora, *dei nouensides* e b) a um dos epítetos de evocação ao Sol.²⁰ Por sua vez, o verbo *indigito* tem o sentido de solicitar ou invocar a divindade pelo nome de culto ou através de fórmulas.²¹ Compreendemos, a partir dessa primeira definição apresentada, a opção de H. Rushton Fairclough pela tradução do epíteto *indiges* para ‘Herói da Terra’, tendo em vista seu pertencimento ao tronco linguístico da palavra *indigena* [*indu-* + *genus*], nascido de dentro, pertencente ou habitante de um lugar.²²

Parte dos autores da Antiguidade nos leva a pensar que este epíteto, um arcaísmo quase impossível de precisar cronologicamente, guarda alguma relação com o culto dos ancestrais ou outra potência ctônica nas tradições do Lácio. Sérvio, no *Comentário às Geórgicas*, declara que *Indigites* são “homens que foram feitos deuses” - *proprie sunt dii ex hominibus facti*.²³ Mario Torelli, historiador italiano, acredita que o termo seja um resíduo de crenças arcaicas que atribuem aos mortos certos poderes oraculares ou de tutela sobre os vivos, uma vez que o epíteto aparece também vinculado ao Sol em sua modalidade ctônica.²⁴ Na religião romana, *indiges* é um dos epítetos comuns de invocação ao Sol e, justamente na localidade de Lavínio, os autores fazem menção a um santuário *Lucus Solis Indigetis*, junto à foz do rio Numício.²⁵ Os linguistas A. Ernout e A. Meillet chamam a atenção para a composição do étimo a partir de “endo²⁶ + aget” “aquele que age de dentro” ou *indiges* nome condizente com a capacidade das figuras objeto de culto designados por este adjetivo/substantivo de atuar de dentro da terra, ou seja, o Sol e os mortos ilustres reconhecidos como *Indigetes*.²⁷ Esta relação funcional entre os mortos e

estar ligados por vínculo natural. Richard SALLER, *Patriarchy, Property and Death...* cit., p. 85. Embora cultural esse dever era traduzido pelos romanos como universal e estruturador da humanidade.

¹⁸ TITO LÍVIO, *História Romana*, I, 1.16.

¹⁹ O tradutor José Maria da Costa e Silva opta por traduzir o adjetivo *indigitem* (aqui com o morfema de acusativo singular) como ‘indígite’ no português, ou seja, aquele que é indicado ou assinalado a dedo (VIRGÍLIO, *Eneida*, XII, 795. Trad. José Maria da Costa e Silva). Opção que compartilha com Odorico Mendes, célebre tradutor do século XIX.

[Deve indígite Enéias, manda o fado,
sede no Olimpo ter, subir aos astros] (VIRGÍLIO, *Eneida*, XII, 794-795. Trad. Odorico Mendes).

²⁰ OXFORD LATIN DICTIONARY, 1968, p. 883.

²¹ *Ibid.*

²² VIRGÍLIO, *Eneida*, XII, 795. Trad. Rushton Fairclough; OXFORD LATIN DICTIONARY, 1968, p. 883.

²³ SÉRVIO, *Comentário às Geórgicas*, I, 498.

²⁴ Mario TORELLI, “Gli acroteri di S. Omobono e l’apoteosi trionfale in Roma Arcaica”, Letizia ABBONDANZA y Filippo COARELLI, *Apoteosi da Uomini a Dei. Il Mausoleo di Adriano, Roma, Museo Nazionale di Castel Sant’Angelo*, Roma, Munus, 2014, pp. 42-43.

²⁵ PLÍNIO, *História Natural*, III, 56.

²⁶ Segundo o Dicionário Oxford de Latim *endo* é um equivalente arcaico para *in* como preposição e correspondente a *indu* como prefixo. OXFORD LATIN DICTIONARY, 1968, p. 607. *Agit*, por sua vez, é a forma da terceira pessoa do presente indicativo do verbo *ago*, como agir, operar, atuar. OXFORD LATIN DICTIONARY, 1968, pp. 87-88.

²⁷ ERNOUT-MEILLET, *Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots*, Paris, Klincksieck, 1994,

o Sol é pensada em relação ao percurso noturno do astro de forma a reemergir no dia seguinte de uma trajetória ínfera e, de acordo com Torelli, esta vinculação encontra correspondência também na Etrúria com o culto ao deus *Suris*, venerado como um Apolo Negro, cujos poderes residiam na esfera ctônica.²⁸

Cumpra atentar também para a aproximação semântica entre *Indiges* e o deus latino *Inuus*, cujo santuário foi identificado recentemente no território de Ardea na fosse do rio Incaustro. *Inuus*, um dos epítetos de Fauno, deriva do étimo *in-j-uos* ou ‘aquele que está dentro’, remetendo tanto à potência sexual encarnada por esta divindade, quanto a sua peculiaridade oracular ctônica. O deus latino Fauno, com o qual o comentador Sêrvio busca aproximar o epíteto *Inuus* é uma potência que “fala da profundidade” (seja ela a terra ou as selvas) e possui, por isso, certos poderes oraculares desconhecidos. Na opinião de Torelli, podemos distinguir nestes dois epítetos (vinculados a divindades variadas e posteriormente ao herói divinizado Enéias) resquícios de crenças arcaicas destas populações do Lácio voltadas ao culto dos diletos ancestrais qualificados como protetores destas comunidades.²⁹

Já a assimilação do epíteto *Indiges* ao herói troiano é uma consequência posterior da difusão do ciclo dos *nostoi*³⁰ na Península Itálica e mais especificamente na região do Lácio. O arqueólogo Ferdinando Castagnoli que presidiu as escavações no sítio de Lavínio no final dos anos 50, declara que muitos séculos antes de Lívio Andrônico tornar a poesia homérica diretamente disponível no mundo latino, este personagem já era “conhecido da região e ali continuou a criação, não por trabalhos literários, mas através da palavra falada, de um composto de lendas que uniu, com um filamento subjacente, os poemas de Homero e o épico de Virgílio”.³¹ Sobre os poemas homéricos, sua introdução na Península Itálica pode ter ocorrido logo no princípio do Período Arcaico Grego, o que coincide em larga medida com o desenvolvimento do alfabeto grego a partir da adaptação do fenício. Um dos mais antigos registros da escrita alfabética grega é uma *kotyle* vulgarmente conhecida como Taça de Nestor com versos em hexâmetro dáctilo que remetem ao famoso personagem da *Iliada*.³² Este objeto de cerâmica datado do Período Geométrico (750-700 a.C) foi escavado

p. 562.

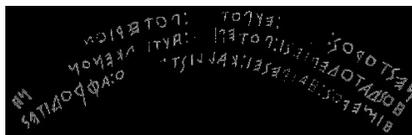
²⁸ Mario TORELLI, “Gli acroteri di S. Omobono e l’apoteosi trionfale in Roma...” cit., p. 42.

²⁹ Ibid., p. 43.

³⁰ Como parte do Ciclo Troiano, os *nostoi* ou ‘retornos’ dizem respeito às narrativas de regresso dos heróis que sobreviveram à Guerra de Tróia.

³¹ Ferdinando CASTAGNOLI, “Lavinium and the Aeneas Legend”, *Vergilius*, Bacoli, The Vergilian Society, núm. 13, 1967, p. 3.

³² A inscrição está grafada em uma modalidade de alfabeto da Eubéia e as seguintes linhas podem ser lidas da direita para a esquerda:



Apografia da inscrição da *kotyle*. Imagem disponível em <http://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0605>. Acesso em 17/11/2015.

ΝΕΣΤΟΡΟΣ:....ΕΥΠΟΤΟΝ:ΠΟΤΕΡΙΟ[N]
 ΗΟΣΔΑΤΟΔΕΠ[ΙΕ]ΣΙ:ΠΟΤΕΡΙ...ΑΥΤΙΚΑΚΕΝΟΝ
 ΗΙΜΕΡ[ΟΣ ΗΑΙΡ]ΕΣΕΙ:ΚΑΛΛΙΣΤ[ΕΦΑΝ]Ο:ΑΦΡΟΔΙΤΕΣ

por Giorgio Buchner em uma tumba de Pithekoussai na ilha de Ischia, uma das mais antigas apoikias gregas na Península Itálica. A julgar também pelas estatuetas de terracota encontradas na região de Veios, figurativas de Enéias transportando Anquises nos ombros, e alguns vasos áticos de importação que retratam esta mesma cena, é plausível supor que o tema da fuga de Tróia já fosse conhecido no sul da Etrúria desde o século VI a.C. Com base nesta evidência material, Peter Mountford, pesquisador da Universidade de Melbourne, acredita que os etruscos já estivessem pelo menos familiarizados com o motivo troiano, reconhecendo a Enéias o *status* de herói peregrino e fundador.³³ No texto “Aeneas: an Etruscan Foundation Legend”, o mesmo autor contabilizou mais de setenta vasos com o motivo da fuga de Enéias, dos quais dezessete foram encontrados no sul da Etrúria; destes os mais antigos são vasos etrusco-coríntios do século VI a.C e os mais recentes, vasos áticos de figuras vermelhas datados de 450 a.C.³⁴

A partir do século IV a.C surgem as primeiras evidências textuais da aproximação entre Lavínio e a saga troiana. Timeu de Tauromênio, nascido por volta de 350 a.C nesta cidade da Sicília, faz menção aos templos e habitantes de Lavínio. É possível que tenha tratado o assunto com maior amplitude em seu relato histórico, porém, o que conhecemos é um trecho citado por Dionísio de Halicarnasso a propósito dos Penates:

[σχήματος δὲ καὶ μορφῆς αὐτῶν περὶ Τίμαιος μὲν ὁ συγγραφεὺς ὧδε ἀποφαίνεται: κηρύκια σιδηρᾶ καὶ χαλκᾶ καὶ κέραμον Τρωικὸν εἶναι τὰ ἐν τοῖς ἀδύτοις τοῖς ἐν Λαουινίῳ κείμενα ἱερά, πυθέσθαι δὲ αὐτὸς ταῦτα παρὰ τῶν ἐπιχωρίων].³⁵

A respeito de sua figura e de seu aspecto, Timeu, o historiador assegura que as coisas sagradas custodiadas no santuário de Lavínio são caduceus de bronze e vasilhames troianos e que isto aprendeu com os habitantes do lugar.

Cumpra admitir que o trecho citado de Timeu não remete diretamente aos Penates que os romanos vinculam ao desembarque de Enéias no Lácio, mas a objetos sagrados de procedência troiana que eram mantidos em um santuário local. Uma vez que Dionísio afirma desconhecer a forma dos Penates, pois seu acesso era limitado por interditos religiosos, identifica na passagem de Timeu relativa aos caduceus de bronze e vasilhames troianos os objetos trazidos pelo herói e venerados em Lavínio. Se o fragmento deste autor do século IV a.C não pode ser tomado como um testemunho do culto de Enéias como fundador de Lavínio, pelo menos depõe sobre a existência de objetos sagrados com os quais os habitantes estabeleciam uma relação de ancestralidade e se vinculavam ao passado troiano.

A taça de Nestor (era) boa de beber;
aquele que beber desta taça, no mesmo instante
será tomado pelo desejo de Afrodite da bela coroa

Esta *kotyle*, atualmente pertence à coleção do *Museo Archeologico di Pithecusae*, Villa Arbusto, Ischia, Itália. A respeito das discussões métricas pertinentes à inscrição, assim como a problemática de datação desta taça, conferir o artigo de Giorgio BUCHNER y Carlos Ferdinando RUSSO, *La Coppa di Nestore e un'iscrizione metrica da Pithecusa dell'VIII secolo a.C.*, Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, Rendiconti, vol. 10, 1955.

³³ Peter MOUNTFORD, “Aeneas: An Etruscan Foundation Legend”, *Australian Society for Classical Studies*, Melbourne, núm. 32, 2011, p. 6.

³⁴ *Ibid.*

³⁵ DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, I, 67, 4.

Por sua vez, uma inscrição encontrada em Tor Tignosa auxilia na composição deste quadro cronológico sobre a assimilação do mito troiano em Lavínio principalmente no que concerne à esfera religiosa. Um *cippus*³⁶ de base quadrada em peperino, que hoje está abrigado no Museu Nacional das Termas de Diocleciano, traz a seguinte inscrição que se lê da direita para a esquerda:

[*Lare Aenia d(onom)*]³⁷

Uma Dádiva ao Lar Enéias

Este *cippus* foi dedicado em um santuário em Tor Tignosa, a meia distância entre Lavínio e Alba Longa, e provavelmente era utilizado como altar. Com base no tipo de escrita, os paleógrafos dataram-no entre a segunda metade do século IV e os primeiros decênios do século III a.C. O latim apresenta traços de arcaísmos como o morfema do dativo flexionado com a desinência *a* (de *Aenia*) que, segundo o editor M Guarducci, se trata de uma característica do período médio republicano.³⁸ Quanto aos Lares, não existe um consenso sobre o seu significado, em geral, são categorizados como divindades domésticas que recebem culto no *Lararium* da casa juntos aos Penates e ao fogo de Vesta.³⁹ Por vezes, aparecem como guardiões das vias ou como protetores das propriedades agrícolas denominados *Lares Rurales*. Assim como os *Penates*, na religião romana, os *Lares* possuem também sua expressão pública ligada aos ritos da cidade como *Lares Praestites* ou os “Lares que estão a postos”.

Alguns estudiosos, como Guarducci e mais recentemente G. De Sanctis, reconhecem nesta inscrição uma evidência direta do culto ou santuário dedicado a Enéias divinizado já no século IV a.C.⁴⁰ Estes autores se ligam a uma corrente interpretativa que remonta ao alemão E. Samter e que percebe no culto aos deuses *Lares* uma expressão persistente na religião doméstica e cívica do culto aos ancestrais.⁴¹ De Sanctis aproxima o culto sugerido pela dedicação ao *Lar Enéias* ao dos heróis gregos ou fundadores divinizados cujo culto se assemelhava ao das divindades ctônicas e nesse sentido Enéias cumpria para aquela comunidade o papel de ancestral mítico e protetor. Já na opinião de G. Moyaers, no artigo ‘Énée et Lavinium: à la lumière des découvertes archéologiques récentes’, é abusivo dizer que este testemunho provém do sítio de Lavínio uma vez que o santuário no qual a pedra foi encontrada encontra-se na interseção de três cidades concernentes à lenda de Enéias: Alba, Ardea e Lavínio e possivelmente remete a um culto público no qual o herói é celebrado como ancestral do povo latino.⁴² Por outro lado, o *Lar Enéias* em questão pode ser apenas a manifestação pública da divindade protetora ligada à casa do herói fundador, assim como os *Lares Augusti*⁴³ do período Imperial. Se na inscrição de Tor Tignosa *Lar* aparece como um epíteto para Enéias divinizado, foi *Indiges* que encontrou repercussão entre os autores latinos ao retratarem a apoteose deste herói.

³⁶ Pequeno pilar com inscrição, utilizado para vários propósitos: oferta votiva, para indicar a distância de um lugar a outro, demarcar os limites de uma propriedade ou, até mesmo, como marco funerário.

³⁷ CIL, I, 2843, Roma, Museo Nazionale Romano Terme di Diocleziano, inv. 135847.

³⁸ Margherita GUARDUCCI, “Enea e Vesta”, *RM*, Roma, núm. 78, 1971, p. 73.

³⁹ OXFORD CLASSICAL DICTIONARY, 2012, pp. 793-794.

⁴⁰ Margherita GUARDUCCI, “Enea...” cit., p. 73; Gianluca DE SANCTIS, “Lari”, *Lares*, Firenze, vol. 73, núm. 03, pp. 477-527, 2007.

⁴¹ Ernst SAMTER, *Familienfest der Griechen und Römer*, Berlin, Druck und Verlag Georg Reimer, 1901.

⁴² Geneviève MOYAERS, “Énée et Lavinium. A la lumière des découvertes archéologiques Récentes”, *Revue belge de philologie et d’histoire*, Oudheid, tom. 55, fasc. 01, 1977, pp. 35-36.

⁴³ Expressão pública dos *Lares* da *domus* augustana e dos demais Imperadores. O culto oficial aos *Lares Augusti* permanece como instituição até o séc. IV.

Bernadette Liou-Gille, no livro *Cultes Héroiques Romains: Les Fondateurs*, defende que *indiges* era o título que Enéias compartilhava com uma remota divindade lacial, cultuada como *Pater Indiges* em Lavínio.⁴⁴ Venerada na região de *Pratica di Mare*, essa divindade foi, *a posteriori*, assimilada a Enéias, quando a lenda, supostamente popularizada pelos poemas homéricos, foi introduzida pelo sul da Etrúria. Liou-Gille acredita ter sido a Etrúria mais permeável à cultura helênica que o Lácio e assim tomado a iniciativa da introdução da lenda em Lavínio e em Roma.⁴⁵ Para a estudiosa francesa, é possível que Roma tenha reivindicado essa filiação genealógica posteriormente, por sugestão e influência dos mitógrafos.⁴⁶ Através do epíteto, a memória dessa assimilação conservou-se e foi resgatada por influência dos autores latinos.

Versões do *Gran Finale Heroico*:

O Testemunho dos Autores Latinos (Ênio, Catão e Cássio Hemina)

O epíteto *indiges* vinculado a Enéias não encontra registro na literatura latina antes da segunda metade do século II a.C, o que cronologicamente, também, coincide com a já referida aparição dos *Iulii Caesares* no cenário político romano. A versão de um Enéias divinizado e cultuado sob o epíteto de *Indiges* vem conferir ao herói, filho de Vênus, um final mais louvável do que a simples queda em batalha. Segundo Angelo Brelich, no livro *Gli eroi greci: Un problema Storico-Religioso*, até na morte, “como qualquer outro momento da biografia heroica, há quase sempre um relevo particular, acompanhada ou seguida de eventos extraordinários, com possibilidades diversas seja de ascensão ao Olimpo, ao Céu, ao Walhalla.”⁴⁷ De um ponto de vista histórico, podemos identificar o tema da divinização heroica designada pelo epíteto *Indiges* como um estrato incorporado ao mito de Enéias em sua vertente latina. Como tratamos adiante, Virgílio opta por dar visibilidade à promessa de um Enéias alçado às estrelas sem, contudo, deixar de referir-se à outra versão do relato na qual o herói desaparece no calor da batalha, em meio às águas do rio Núncio.

O épico de Ênio (239 a.C-169 a.C) é a primeira menção a Enéias como um dos heróis que recebeu a apoteose, todavia não sabemos se o episódio, efetivamente, fazia parte da narrativa poética ou se era uma simples alusão ao portento. Sêrvio em seu *Comentário a Eneida*, apenas declara que “segundo Ênio, ele (Rômulo) será reconhecido com Enéias entre os deuses” - *Secundum Ennium, referetur (Romulus) inter deos cum Aenea*.⁴⁸ Ao que tudo indica, o escoliasta da *Eneida* está citando uma passagem dos *Anais* que descreve a transformação de Rômulo no Deus Quirino tal como ocorre nos fragmentos 114 e 116.⁴⁹ Enéias, na referida citação, aparece como um precedente divino para Rômulo de quem é avô e pai de Ilia (Rea Silvia) na narrativa dos *Anais* de Ênio. Por mais vaga que seja a referência, ela nos permite estabelecer um limite a partir dos autores conhecidos. Em segundo lugar, cabe dizer que esta aproximação entre os dois relatos de apoteose -de

⁴⁴ Bernadette LIOU-GILLE, “Aeneas Indiges”, Bernadette LIOU-GILLE, *Cultes Héroiques Romains. Les Fondateurs*, Paris, Les Belles Lettres, 1980, p. 121.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 133.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 134.

⁴⁷ Angelo BRELICH, *Gli eroi greci. Un problema storico-religioso*, Milan, Adelphi, 2010, p. 82.

⁴⁸ SÉRVIO, *Comentário à Eneida*, VI, 777; ÊNIO, *Anais*, fr. 31.

⁴⁹ Sobre a opinião contrária a respeito da associação entre Rômulo e o Deus Quirino nos *Anais* de Ênio cf. Roland GRANOBS, *Studien zur Darstellung römischer Geschichte in Ovids 'Metamorphosen'*, Frankfurt, 1997, p. 56.

Enéias e Rômulo- que já é constatada no épico republicano, encontra continuidade na literatura subsequente.

Catão, o antigo (234 a.C - 149 a.C) não faz qualquer menção a fenômenos insólitos, deificação ou culto heroico ao descrever os acontecimentos que cercaram a morte de Enéias. Mais uma vez, a referência do fragmento é de Sérvio:

[*Cato dicit iuxta Laurolavinium cum Aeneae socii praedas agerent, proelium commissum, in quo Latinus occisus est, fugit Turnus: et Mezentii auxilio comparato renovavit proelium, quo ipse quidem uictus est ab Aenea; Aeneas autem in ipso proelium non comparuit. Ascanius uero postea Mezentium interemit*]⁵⁰

Catão disse que quando os companheiros de Enéias estavam engajados em pilhagens, uma batalha foi travada próxima a Laurolavínio na qual Latino foi morto. Turno fugiu e, tendo obtido a ajuda de Mezêncio, recomeçou a batalha na qual ele mesmo foi vencido por Enéias; Enéias, contudo, desapareceu no curso da batalha. Mas Ascânio depois assassinou Mezêncio.

O topônimo Laurolavínio que resulta da fusão de Laurento, antiga capital dos latinos, com Lavínio, cidade fundada por Enéias, desinga o território compartilhado entre troianos e latinos. Este topônimo não é utilizado por nenhum dos autores do Principado apesar de registro no comentário de Sérvio à *Eneida*. A negativa do verbo *comparuo*, utilizado na terceira pessoa do indicativo perfeito, tem a simples função de indicar que o herói perdeu-se de vista. O mesmo verbo se repete em outra citação de Sérvio da obra de Catão: *postea Aeneas non comparuit* “depois disso, Enéias desapareceu.”⁵¹ Aparentemente, nosso ilustre Censor optou por registrar uma versão mais austera da morte de Enéias, desprovida de portentos e da intervenção do maravilhoso. Opção que não pode derivar de um suposto ceticismo do autor ou escolha deliberada por excluir das *Origens* eventos desta natureza. Por ocasião da fundação de Lavínio, Catão registra, tanto o prodígio da porca branca com os trinta leitõezinhos, quanto o sonho de Enéias com os Penates que o motivam a dar continuidade aos trabalhos de edificação da cidade.⁵² Por outro lado, na versão das *Origens*, nada de espantoso cerca a morte do herói troiano. Toda a explicação seguinte sobre o cadáver do herói que, misteriosamente, nunca foi encontrado, e os sacrifícios que os mortais começaram a relizar às margens do rio Núnico, o escoliasta Sérvio imputou à autoridade de outros *-alii dicunt-* e não mais a de Catão.⁵³ É interessante notar que *non comparuit* é justamente a expressão que aparece no *elogium* da galeria de Enéias no Fórum de Augusto, porém acrescido dos desdobramentos do mito que descrevem sua acolhida no panteão divino e seu reconhecimento como *Pater Indiges*.

Entre as fontes conhecidas, *Indiges* aparece pela primeira vez como epíteto de Enéias na obra do analista Cássio Hemina (escrita por volta de 146 a.C) que nos chegou também em fragmentos. Seu trabalho, que representa uma das primeiras obras latinas em prosa, é intitulado *Annales* dos quais conhecemos os trechos de quatro livros. Silvia Stucchi, em seu *Commento ad Alcuni Frammenti sulle Istituzioni Civili e Sul Culto Religioso*, afirma que

⁵⁰ CATÃO, *Origens*, fr. 7a; SÉRVIO, *Comentário a Eneida*, IV, 620.

⁵¹ CATÃO, *Origens*, fr. 7b; SÉRVIO, *Comentário a Eneida*, IX, 745-746.

⁵² CATÃO, *Origens*, fr. 10.

⁵³ SÉRVIO, *Comentário a Eneida*, IV, 620.

o único dado certo sobre a vida de Hemina é aquele acerca do ano em que aconteceram os jogos seculares (em sua quarta edição), isto é no ano 605 da fundação de Roma (146 a.C).⁵⁴ A edição do *Fragments of The Roman Historian* propõe a seguinte sistematização para a obra de Cássio Hemina: A fuga de Tróia e o período dos Reis Albanos eram assunto do Livro I, assim como o assentamento de *Palanteum* por Evandro, as andanças de Hércules e as várias cidades latinas fundadas antes de Roma. Rômulo e Remo são assunto do Livro II que parece compreender o período que vai da fundação da *urbs* até a chegada de Pirro na Península Itálica. O Livro III abrange o período que antecede as Guerras contra Anibal e o Livro IV, por sua vez, parece tratar do período que vai da Segunda a Terceira Guerra Púnica. De acordo J. Briscoe, o editor do texto de Hemina para o *Fragments of The Roman Historians*, como Catão, ele se ocupou das origens não apenas das cidades, mas também dos ritos religiosos, do calendário, da formação do exército e dos nomes das instituições.⁵⁵ Apesar da relativa proximidade cronológica dos *Anais* com as *Origens*, Hemina descreve a morte do herói troiano em termos bem diferentes de Catão:

[*Nec omissum sit Aenean aestate ab Ilio capto secunda Italicis litoribus adpulsum, ut Hemina tradit, sociis non amplius sescentis, in agro Laurenti posuisse castra: ubi dum simulacrum, quod secum ex Sicilia advexerat, dedicat Veneri matri quae Frutis dicitur, a Diomede Palladium suscepit, tribusque mox annis cum Latino regnavit sociali potestate, quingentis iugeribus ab eo acceptis: quo defuncto summam biennium adeptus apud Numicium parere desiit anno septimo. Patris Indigetis ei nomen datum*].⁵⁶

Também não se esqueça que Enéias, no segundo verão, uma vez que Ilion foi capturada, tal como declara Hemina, desembarca nas praias itálicas com não mais de seiscentos companheiros e estabelece acampamento no território de Laurento: onde, no momento em que dedicara a mãe Vênus a estátua que havia portado da Sicília que é denominada *Frutis*, recebe de Diomede o Paládio, por três anos reinou em mando compartilhado com Latino, tendo recebido do mesmo quinhentas jeiras de terra; e quando morreu, no sétimo ano da partida de Tróia, dois anos depois de obtido o sumo poder, desapareceu junto do Numício. A ele foi dado o nome de *Pater Indiges*.

O fragmento é uma síntese de toda a gesta heroica de Enéias, desde a fuga de Ílion, o desembarque no litoral itálico, o mando compartilhado com o rei Latino até o desfecho com o desaparecimento do troiano nas águas do Numício. Três elementos se coadunam na narrativa de Cássio Hemina que encontrarão correspondência na literatura subsequente sobre a morte de Enéias: 1 - o desaparecimento do herói; 2 - o rio Numício; 3 - o epíteto *Indiges*. Em Catão, encontramos exclusivamente o primeiro elemento, sem qualquer prolongamento da história que leve a sugerir a existência de um culto a Enéias no Lácio. No fragmento de Hemina, o verbo *desiit* ‘deixou’ (terceira pessoa do perfeito ativo)

⁵⁴ Silvia STUCCHI, *Casio Emina: Uno Storico Razionalista nella Roma Antica?*, Venezia, Università Ca' Foscari, 2012, p. 13.

⁵⁵ HEMINA, *Annals*, Trad. Tim CORNELL [et al.], *The fragments of the Roman historians*, Oxford University Press, 2013, p. 222.

⁵⁶ CÁSSIO HEMINA, *Anais*, fr. 08.

seguido de *parere* ‘mostrar-se’ (infinitivo ativo de *pareo*) expressa bem a ideia do súbito desaparecimento do herói, que desvaneceu não em meio a uma batalha, mas nas águas do rio Numício. Associado com o rio Torto, o Numício cortava o território de Lavínio e Ardea. Este rio é mencionado muitas vezes em referência às proezas de Enéias no Lácio e foi em suas marges que Dionísio de Halicarnasso afirmou ter visto o *heroon* do troiano.⁵⁷ O Numício está também associado à divindade latina ou ninfa tutelar deste curso d’água conhecida como Anna Perena, para a qual os autores da Antiguidade buscaram um repertório variado de filiações (Luna, Io e até mesmo a Ninfa que cuidou de Jove na infância). Ovídio nos *Fasti* registra uma versão interessante da história, possivelmente tardia e ocasionada por influência da *Eneida*, que associa a divindade com a irmã da falecida Dido, Anna, que migrou para a Itália em busca do herói. Depois de ter sido acolhida no palácio do troiano, se jogou no rio Numício por ciúmes de Lavínia, sendo posteriormente cultuada como ninfa do local e denominada Perenna.⁵⁸

No fragmento de Hemina, o epíteto *Indiges*, no sentido de ‘herói da terra’, conclui a tríade do processo que indica a existência de um culto vinculado a um referente geográfico, neste caso, o rio de Lavínio. *Pater*, associado ao epíteto de culto, faz sentido como título de veneração, mas também de ancestral comum de uma localidade. O fragmento atesta não apenas o culto ao herói divinizado no século II a.C, mas o quanto Enéias, assim como Hércules, um herói mediterrânico, estava absorvido nas práticas religiosas do Lácio. Segundo Silvia Struchi, os assuntos pertinentes às práticas de culto estão entre os interesses principais da narrativa de Hemina.⁵⁹

Outros dois componentes do mito, que encontram desdobramentos diferentes nos autores do Principado e, principalmente, no épico virgiliano, estão expostos no fragmento citado. Nos referimos a dois outros cultos de Lavínio que Cássio Hemina vincula também a Enéias: Venus *Frutis* e Minerva. Primeiramente, o fragmento informa que o herói trouxe consigo uma estátua de Vênus da Sicília, a qual dedicou um templo com epíteto *Frutis*. Muito possivelmente, Hemina está se referindo ao santuário de Vênus Erice no extremo oeste da ilha. Estrabão admite a existência de um santuário federado de Vênus em Lavínio, respeitado por todas as cidades latinas e Festo acrescenta que ali havia um templo dedicado a Vênus *Frutis*.⁶⁰ Hemina, ao que parece, buscou traçar uma ascendência para o santuário local de Vênus em Érice, na Sicília, usando como pretexto as peregrinações de Enéias. Virgílio, por sua vez, narra no Livro V que Enéias construiu para a mãe um templo nesta localidade de fundação troiana e o comentador Sérvio menciona que o herói levou consigo uma cópia da estátua de culto para a Itália.⁶¹

O Paládio no fragmento em questão consiste na estátua de madeira da deusa Palas Atena, conservada na cidadela de Tróia e furtada por Diomedes e Odisseu. Quando do colapso de Ilion, o herói grego portou consigo a estatueta que aparece como um *topos* de algumas representações de Diomedes em vasos e estátuas de mármore. Em uma das versões do mito, a estatueta de Palas Atena termina em Argos e depois em Esparta, já numa versão tardia, Enéias consegue recuperar o Paládio e o leva para a Itália. Por sua

⁵⁷ DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, I, 64.

⁵⁸ OVÍDIO, *Fasti*, III, 647.

⁵⁹ SILVIA STUCCHI, *Casio Emina: Uno Storico Razionalista nella...* cit., p. 26.

⁶⁰ FESTO, *Do Significado das Palavras*, 80; ESTRABÃO, *Geografia*, V. 03.05 apud Stephan WEINSTOCK, *Divus Iulius*, Oxford, Clarendon Press, 1971, pp. 15-16.

⁶¹ VIRGÍLIO, *Eneida*, V, 759; SÉRVIO, *Comentário a Eneida*, I, 720.

vez, o fragmento de Hemina é um dos primeiros registros literários da versão latina do mito que situa o artefato na cidade fundada por Enéias. Sérvio, no *Comentário a Eneida*, remete à mesma tradição, acrescentando que Diomedes, compelido por um oráculo, partiu em busca de Enéias com o intuito de restituir a estatueta roubada e pôr um fim ao seu sofrimento.⁶²

Dionísio de Halicarnasso, registra uma versão mais intrépida e autosuficiente da história. Nas *Antiguidades Romanas* argumenta que os gregos roubaram um simulacro da verdadeira estátua que foi corajosamente recuperada por Enéias durante o saque de Tróia e transportada em segurança até a Itália. Acrescenta ainda que a estátua era guardada com zelo pelas virgens vestais junto ao fogo eterno de Vesta.⁶³ O Paládio também aparece associado à genealogia familiar dos *Julii*. É supostamente um episódio de bravura que César buscou retratar em seu denário, no qual Enéias aparece em posição triunfal segurando o Paládio na mão direita.⁶⁴

Virgílio descreve o furto da estátua seguido de portentos nefastos para os gregos⁶⁵ mas em nenhuma parte do poema refere-se à recuperação do objeto por parte dos troianos. Por outro lado, a descrição que o poeta mantuanense oferece do Paládio corresponde em grande medida com a estátua de terracota encontrada no depósito votivo do Santuário Oriental de Lavínio, nas escavações conduzidas em 1977 em Pratica di Mare. A missão empreendida pelo Instituto de Topografia Antiga trouxe à luz as fundações de um edifício arcaico provido de um pórtico, salas amplas e pátios internos dotados de poços. Porém, o que mais chamou a atenção dos pesquisadores foi um depósito de material votivo acumulado em uma depressão natural do terreno, rente ao muro da estrutura. A parte mais consistente do depósito era constituída de estátuas votivas, por volta de cem delas, entre as quais foram encontradas várias estátuas de Minerva de tamanhos e períodos variados. O número expressivo de estátuas desta deusa (algumas com mais de um metro de altura) levou os arqueólogos a questionar se não estavam diante do santuário de Atena Ilíaca de Lavínio, mencionado pelo geógrafo grego Estrabão.⁶⁶ Numerosas são também as estatuetas representativas de bebês recém-nascidos, crianças, figuras maternas sentadas com crianças no colo, grupos familiares e representações de úteros e bustos. Segundo Maria Fenelli, no texto ‘Santuário Orientale’ escrito para o catálogo *Enea nel Lazio. Archaeologia e Mito*, o contexto votivo levou os estudiosos a indagar se a Minerva de Lavínio não era apenas uma divindade guerreira, mas também protetora do matrimônio e do nascimento, ou que, pelo menos, estivesse associada a alguma deusa da fertilidade em seu santuário.⁶⁷ Na opinião da pesquisadora italiana Gloria Galante, é possível reconhecer elementos na Minerva de Lavínio que reconduzem ao significado mais antigo da deusa na qualidade de guerreira, ctônica e *kourotrophos*, isto é, em sua potencialidade como protetora de jovens e crianças indefesas.⁶⁸ A análise estilística das estátuas e da cerâmica encontradas no santuário permitiu estabelecer um arco cronológico para o depósito votivo que vai do séc. V ao séc. II a.C.

⁶² SÉRVIO, *Comentário a Eneida*, II, 166; III, 407; IV, 427; V, 81.

⁶³ DIONÍSIO DE HALICARNASSO, I, 69.02.

⁶⁴ RRC, 458.

⁶⁵ VIRGÍLIO, *Eneida*, II, 1-40.

⁶⁶ ESTRABÃO, *Geografia*, VI, 1.14.

⁶⁷ Maria FENELLI, “Santuário Orientale”, Ferdinando CASTAGNOLI, Lucos COZZA, Cairol Fulvio GIULIANI, [et. al.] (orgs.), *Enea nel Lazio, Archeologia e Mito. Catalogo della Mostra*, Roma, Fratelli Palombi, 1981, p. 188.

⁶⁸ Gloria GALANTE, *Il Museo Civico Archeologico Lavinium: Guida Tascabile*, Roma, Gangemi, 2013, p. 328.

Uma estátua em terracota de Minerva Tritonia de 1,96 m se destaca entre os demais achados do local. De acordo com R. Ross Holloway, no livro *The Archaeology of Early Rome and Latium*, é supostamente, uma estátua de culto representativa da deusa do santuário.⁶⁹ Esta estátua datada do século V a.C., juntamente com a estátua de Minerva como Paládio, integra a coleção do Museo Cívico Arqueológico *Lavinium* da comunidade de Pomezia e foi exibida na mostra *Apoteosi Da Uomini a Dei: Il Mausoleo di Adriano*, realizado no ano de 2014 no Castel Sant’Angelo, no qual a temática foi a apoteose na Antiguidade. A deusa de rosto alongado e grandes olhos porta um elmo ático com cimeira e indossa sobre quítion uma espécie de proteção (corpete) em escamas no qual sobressai um *gorgoneion* no peito e serpentes na borda. A mão direita empunha verticalmente uma espada (da qual restou apenas o cabo) e a mão esquerda um escudo em forma oval com pequenas serpentes nas bordas. Esta égide repousa sobre a cabeça de um Tritão de traços semiferinos no qual a parte inferior do corpo é constituída por escamas e um rabo de peixe.⁷⁰ O Tritão parece cumprir uma função estática como sustentáculo para o escudo da divindade. Este elemento iconográfico remete ao epíteto *τριτογένεια* e à variante beócia do mito de Atena que, segundo o *Greek English Lexicon*, descreve como a deusa, depois de gerada, foi criada por um deus fluvial Tritão junto ao rio de mesmo nome na região da Beócia (Grécia).⁷¹ Inclusive, na região de Alacomene, também na Beócia, é constatada a existência de um antigo santuário da Deusa Tritogênia.

Coincidência, ou não, Virgílio no Livro II da *Eneida* descreve a efígie de Palas como Tritonia acrescentando que a deusa manifestou terríveis sinais de sua cólera *-signa dedit Tritonia monstis-* ao ser expropriada de seu santuário em Tróia pelas mãos impuras dos gregos.⁷² Mais à frente, no episódio de Laocoonte⁷³, o mantuano narra que as serpentes que saíram do mar para estrangular os filhos do sacerdote troiano rastejaram até o templo da feroz Tritonide *-saeuaque Tritonidis-* pousando sob o escudo da deusa.⁷⁴ Minerva recebe este epíteto em várias outras passagens do épico, como no Livro XI, em que a deusa é interpelada pelas matronas como “Armipotente árbitra da guerra, virgem Tritônia” - *Armipotens, praeses belli, Tritonia uirgo*.⁷⁵ Ao caracterizar principalmente a estatueta de Palas como Tritônia, é possível que o poeta estivesse aludindo ao culto desta divindade em Lavínio e a já referida vertente latina do mito do Paládio, que atribui a Enéias a introdução deste objeto no Lácio. Por sua vez, podemos identificar também uma alusão ao epíteto beócio da divindade que é recorrente tanto na *Ilíada* de Homero quanto na *Teogonia* de Hesíodo.⁷⁶

⁶⁹ R. Ross HOLLOWAY, *Thea Archaeology of Early Rome and Latium*, New York, Routledge, 1994, p. 139.

⁷⁰ Museu Cívico Arqueológico *Lavinium*, Pomezia, inv. 47576, peça de ref. 09 no catálogo da mostra *Apoteosi Da Uomini a Dei. Il Mausoleo di Adriano*. Gloria GALANTE, “Statua di Minerva come Palladio e Statua di Minerva Tritonia”, Letizia ABBONDANZA y Filippo COARELLI, *Apoteosi da Uomini a Dei. Il Mausoleo di Adriano. Roma, Museo Nazionale di Castel Sant’Angelo*, Roma, Munus, 2014, pp. 328-329.

⁷¹ Henry LIDDEL y Robert SCOTT, *A Greek-English lexicon*, Oxford, Clarendon Press, 1996.

⁷² VIRGÍLIO, *Eneida*, II, 171.

⁷³ Laocoonte, sacerdote do deus Netuno, admoestou os outros chefes troianos contra os perigos de confiar na dádiva dos gregos, brandiu e atirou uma lança contra o dorso do imenso cavalo de madeira arrancando gemidos dos gregos que estavam ali dentro. O ataque das serpentes marinhas persuadiu os troianos de que o ato do sacerdote, irmão de Príamo, foi um ultraje aos deuses, exemplarmente punido.

⁷⁴ VIRGÍLIO, *Eneida*, II, 226.

⁷⁵ *Ibid.*, XI, 483.

⁷⁶ HOMERO, *Ilíada*, IV, 515; VIII, 39; HESÍODO, *Teogonia*, 895.

Retomando o fragmento de Cássio Hemina, podemos perceber que a associação do herói divinizado com o deus *Indiges* não é um caso isolado, pois o excerto também testemunha a vinculação (difícil de precisar cronologicamente) de outros cultos itálicos ao ciclo troiano, de forma a arraigar Enéias no Lácio. Bem antes de se tornar o dileto ancestral da família do Imperador, com um lugar privilegiado no Fórum de Augusto, Enéias foi convertido, primeiramente, em herói local sem desconsiderar também que várias cidades e santuários eram vestígios de sua devoção aos deuses pátrios e à mãe divina de sua passagem pelo Mediterrâneo.

O Túmulo/*Heroon* de Enéias:

Evidência Arqueológica e Literária (Dionísio de Halicarnasso e Tito Lívio)

Proveniente da Ásia Menor, Dionísio de Halicarnasso, historiador grego que teria vivido sob o governo de Augusto, fornece no Primeiro Livro de suas *Antiguidades Romanas* algumas pistas interessantes sobre a divinização de Enéias, sua vinculação ao santuário e à cidade de Lavínio e o epíteto *indiges*. O principal trabalho de Dionísio de Halicarnasso, historiador e mestre de retórica, cobre desde os tempos míticos dos ciclos de viagens e fundações heroicas até o começo da Primeira Guerra Púnica. A obra deste historiador helênico, redigida em prosa grega, na segunda metade do sec. I a.C., encontra-se dividida em vinte livros dos quais apenas os nove primeiros nos chegaram completos. Nesta pesquisa, focamos mais diretamente no Livro I das *Antiguidades Romanas*, que sistematiza as várias tradições de fundação e as linhagens dos heróis fundadores: Hércules, Enéias, Evandro e Rômulo.

A cronologia estabelecida por Dionísio para o fim da Guerra de Tróia e os acontecimentos passados no Lácio é marcadamente distinta daquela que encontramos na *Eneida* de Virgílio. Nunca é demasiado pontuar que o historiador da Ásia Menor se esforça por comprovar as origens gregas de Tróia e da estirpe a qual pertence Enéias e, por sua vez, defende a predominância do elemento grego na fundação de Roma.⁷⁷ A peregrinação dos troianos pelo mar parece bem menor para Dionísio de Halicarnasso, que situa a fundação de Lavínio no fim do segundo ano após a queda de Ílion.⁷⁸

Três anos após a partida de *Ilion*, Enéias finalmente governou sobre os troianos e no próximo, com a morte de Latino, sucedeu o sogro, regendo também os laurentes. Por sua vez, no quarto ano de seu estabelecimento em solo itálico, morreu Enéias. Segundo o relato presente nas *Antiguidades Romanas*, os rútuos, liderados por Mezêncio, marcharam com

⁷⁷ Através da genealogia, Dionísio argumenta que Ílion é uma cidade grega como todas as outras e inicialmente seu fundador, Dardânio, proveniente do Peloponeso. Dardânio constrói uma cidade sobre a região chamada Troade, obtida pelas mãos de Teucro, seu rei. Na versão de Dionísio, o outro ancestral de Enéias, Teucro teria vindo da Ática para a Ásia, antes chefe de um demos chamado Xypeté. Segundo Dionísio, Teucro que antes governava um vasto território com pouca população obteve satisfação em ver Dardânio chegar com tão grande contingente de imigrantes que poderiam lhe ser úteis na defesa do território contra os bárbaros. DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, I, 61.05.

Percebe-se que tanto pela ancestralidade quanto pela descrição do exército troiano em ordem de combate, Dionísio procura demonstrar que Tróia era uma cidade grega entre outras e que, por isso, uma cidade majestosa como Roma só poderia ter origens helênicas. Tal proposição está igualmente sugerida nas palavras endereçadas por Enéias ao rei Latino. “Éramos nativos de Tróia, não a menos famosa das cidades gregas [...]”. DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, I, 58. 02.

⁷⁸ DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, I, 63.01-02.

toda a força sobre o rival troiano. Uma batalha severa tomou lugar, não muito longe de Lavínio, e de ambos os lados, muitas baixas foram sentidas. Como Heródoto, o escritor das *Antiguidades Romanas* não impõe ao leitor uma explicação única para o evento ou ocorrência, mas dispõe no relato as várias versões recolhidas ao longo da investigação. Dionísio relata que com o chegar da noite, Enéias não foi mais visto em lugar nenhum; enquanto alguns concluíram que ele foi transportado para junto dos deuses, outros acharam que o herói, tendo perecido, caiu nas águas do rio Númicio, ao lado do qual a batalha havia sido travada.⁷⁹ Os latinos construíram para ele um santuário heróico com a seguinte inscrição:

[πατρὸς θεοῦ χθονίου, ὃς ποταμοῦ Νομικίου ῥεῦμα διέπει]⁸⁰

Para o pai e deus deste local, que preside sobre as águas do rio Númicio .

Para alguns, o santuário foi erigido por Enéias em honra de Anquises, que teria morrido um ano antes dessa guerra acontecer.⁸¹ Em nota, afirma o editor das *Antiguidades Romanas* que Dionísio usa *chthónios* para traduzir do latim para o grego a palavra *indiges*. Por sua vez, *χθονίος* é um dos epítetos de Júpiter, em referência ao Deus do Submundo, Hades-Plutão. O que nos leva a deduzir que a divindade adorada em Lavínio e posteriormente assimilada ao herói troiano e seu *heroon*, provavelmente, pertencesse ao domínio ctônico como o já referido *Sol Indiges*. Tito Lívio, por sua vez, se refere a Eneias divinizado como Júpiter *indiges*.⁸²

Sobre a lenda troiana e a divinização de Enéias, Tito Lívio dedica pouco espaço em sua narrativa, tendo em vista a monumentalidade da obra intitulada *História Romana*. Tito Lívio, historiador romano natural de Pádua -*Patauium*- possivelmente viveu entre 59-19 a.C e é autor da colossal obra intitulada *Ab Urbe Condita Libri* traduzida muitas vezes como *História Romana*. Narra desde as origens míticas de Roma até o século de Augusto. No prefácio de sua *História Romana*, justifica este trabalho hercúleo pelo intuito de preservar os feitos das proeminentes nações do mundo, obviamente destacando a particularidade da *urbs* e o destino manifesto de Roma. Esta obra foi originalmente constituída por cento e quarenta e dois livros, mas somente trinta e cinco são conhecidos hoje. Um epítome, ou resumo de todos os livros, foi compilado por Lúcio Aeneo Floro (74-130 d.C), conhecido também como *Periochae*, possibilita aos estudiosos contemporâneos inferir a dimensão do todo e a distribuição do conteúdo pelos livros. O Livro I da *História Romana* que descreve os episódios anteriores à fundação de Roma como a chegada de Enéias ao Lácio, o encontro com os laurentes, a divinização do herói troiano, a fundação de Alba Longa, até o reinado de Rômulo e os dois primeiros séculos da expansão romana, terminando com a nomeação dos Cônsules L. Júnio Bruto e L. Tarquínio Colatino em 502 a.C.

Suscintamente, o historiador romano noticia o desembarque dos troianos no Lácio, a busca por botim e o confronto com o rei “Latino, seguido dos habitantes da Terra.”⁸³ Depois de ser derrotado, Latino ajustou com Enéias a paz e se aliou ao herói troiano. Afirma Tito Lívio que “Latino viu os troianos tão dispostos à Guerra quanto à Paz.”⁸⁴ Firmada pelas bodas matrimoniais, a aliança entre os dois povos foi celebrada junto do altar com os

⁷⁹ DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, I, 64.04.

⁸⁰ *Ibid.*, 64.05.

⁸¹ *Ibid.*

⁸² TITO LÍVIO, *História Romana*, I.02.

⁸³ *Ibid.*, I.01.

⁸⁴ *Ibid.*

deuses Penates. Da união entre a princesa latina e o varão troiano nasceu um filho de nome Ascânio.⁸⁵ Em alguns pontos a narrativa de Tito Lívio converge com a epopéia de Virgílio: Turno, rei dos rútuos, se viu traído, entrando em confronto com os latinos e os troianos. Os latinos saíram vencedores, todavia, perderam seu rei em combate. Por sua vez, Turno e os rútuos aliaram-se à florescente confederação dos etruscos e a seu líder Mezêncio, que havia estabelecido seu trono e império em Cerea.⁸⁶

Sob o comando do varão troiano, os latinos enfrentaram os etruscos em guerras constantes das quais saíram vitoriosos, porém, informa Tito Lívio, no curso da peleja perderam seu líder que tombou às margens do rio Numício:

*Secundum inde proelium Latinis, Aeneae etiam ultimum operum mortalium fuit. Situs est, quemcumque eum dici ius fasque est super Numicum flumen: Iovem indigetem appellant*⁸⁷

A batalha resultou em favor dos latinos, mas foi a última façanha mortal de Enéias. Seu sepulcro, se é permitido ou correto chamá-lo assim, está localizado nas margens do Númicus: donde chamam-no, Júpiter *indiges*.

É bem possível, como afirma Liou-Gille, que Lavínio fosse uma cidade-santuário e que preservasse, ainda no tempo de Dionísio, Tito Lívio e Virgílio, a memória de uma ancestralidade, assim como Alba Longa.⁸⁸ Aos olhos dos romanos, um dos cultos mais importantes de Lavínio era aquele associado aos Penates, trazidos por Enéias à Península Itálica. Ali se fixaram definitivamente, não permitindo seu deslocamento para qualquer outra localidade. Todas as tentativas de transplantá-los para Alba longa ou Roma malograram, pois prodigiosamente acabaram voltando para o santuário original, segundo informa Dionísio de Halicarnasso.⁸⁹ Em Roma, todos os anos, Pontífices e Cônsules dirigiam-se a Lavínio para render sacrifícios no santuário de *Aeneas Indiges*.⁹⁰ Dessa referência é difícil imaginar que tal cerimônia acontecesse sem o mínimo de fausto ou que essa viagem se realizasse sem qualquer solenidade. Essa cerimônia da posse dos Cônsules e o investimento do *imperium* em suas respectivas magistraturas seria uma maneira de revestir o cargo de uma dignidade não só religiosa, mas também ancestral. Estava ali contida a memória da própria divinização de Enéias, identificado a um santuário nas margens do rio Numício.

O interesse pela cidade não decaiu com o fim do Principado de Augusto. De acordo com Caiorli Fulvio Giuliani, no texto 'Lavinium', ao longo da Idade Imperial a cidade oferece diversos testemunhos de monumentos e inscrições epigráficas, inclusive de dedicações aos Imperadores, além da recordação de uma visita de Marco Aurélio ao local, possivelmente, para sacrificar aos Penates.⁹¹ Lavínio entrou em um período de ostracismo

⁸⁵ *Ibid.*, I.01.

⁸⁶ *Ibid.*, I.02.

⁸⁷ *Ibid.* Neste artigo utilizamos a seguinte edição para a obra de Lívio: TITUS LIVIUS, *History of Rome*, Trad. Canon Roberts, London, Everyman's Library Classical, 1905.

⁸⁸ Bernadette LIOU-GILLE, "Aeneas Indiges..." cit., pp. 124-126.

⁸⁹ DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, I, 67.01-02.

⁹⁰ Bernadette LIOU-GILLE, "Aeneas Indiges..." cit., p. 125.

⁹¹ Caiorli Fulvio GIULIANI, "Santuario Delle Tredici Are e Heroon di Enea", Ferdinando CASTAGNOLI, Lucos COZZA y Caiorli Fulvio GIULIANI, [et. al.] (orgs.), *Enea nel Lazio, Archeologia e Mito. Catalogo della Mostra*, Roma, Fratelli Palombi, 1981. p. 162.

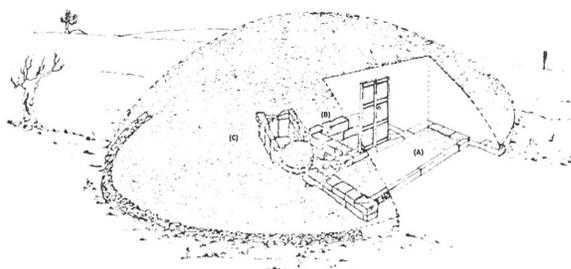
até que o interesse pela cidade ressurgiu no século IV d.C quando Constantino restaurou os edifícios termais e inscrições foram dedicadas aos Imperadores Constâncio e Galério.⁹² No Medievo, a cidade deu origem ao burgo de *Pratica*, recordado na bula de Gregório VII (Século XI) como uma *ciuitas* junto a Igreja de São Lorenzo que existia no local. Segundo o arqueólogo italiano Ferdinando Castagnoli, a vinculação entre as duas cidades não se perdeu por completo (ou foi restabelecido pelo interesse antiquário do Renascimento) uma vez que Pirro Ligorio, célebre arquiteto da *Villa d'Este* em Tivoli comenta sobre a antiga *Lavinium* na área correspondente a Pratica di Mare.⁹³

Somente na década de 1950 que a região de Pratica di Mare - uma fração da comunidade de Pomezia na região do Lácio - foi submetida a uma campanha sistemática de escavação pelo Instituto de Topografia Antiga da Universidade de Roma no intuito de trazer à luz a antiga cidade lacial fundada por Enéias. Os primeiros trabalhos de prospecção do terreno expuseram os vestígios de um acanhado assentamento urbano cuja fundação remota ao início da Idade do Ferro. Quanto à cronologia de ocupação, os traços de uma muralha construída com lascas de *cappellaccio*⁹⁴ indicam que a cidade já era fortificada no século VII a.C e os santuários extra urbanos, assim como, o material encontrado nas sepulturas sugerem algum desenvolvimento econômico depois do século VI a.C.

Na parte sudoeste, fora da cinta amuralhada, as escavações revelaram uma necrópole com aproximadamente setenta tumbas, algumas do início da Idade do Ferro. Porém, o que mais chamou a atenção da comunidade científica foi a descoberta de um grande santuário

Ilustración 1

Plano Reconstutivo do Heroon de Enéias em Lavínio



Fuente: Karl GALINSKY, "The tomb of Aeneas at Lavinium", *Vergilius*, Bacoli, Vergilian Society, núm. 20, 1974, p. 9.

contíguo a uma fileira de treze altares, localizados a trezentos metros ao sul da muralha de Lavínio. Alinhados no sentido Norte-Sul, os mais antigos destes altares datam de meados do séc VI e os mais recentes do séc II a.C. Outra curiosidade diz respeito à localização do santuário, construído rente ao Fosso de Pratica di Mare, um riacho em parte subterrâneo identificado ao rio Numicio descrito pelas fontes. Segundo a arqueóloga italiana Stefania Panella, novas campanhas de escavação entre 2005-2009 revelaram um novo altar (a

⁹² Ibid.

⁹³ Ferdinando CASTAGNOLI, "Lavinium and the Aeneas Legend", *Vergilius*, Bacoli, Vergilian Society, núm. 13, 1967, pp. 03-04.

⁹⁴ Por *cappellaccio* também se define um tipo de tufa fibrosa e cinzentada utilizada, sobretudo nas construções em pedra da Roma arcaica.

décima quarta ara), as fundações de uma câmara de combustão e um depósito de objetos, ambos ligados ao edifício e possivelmente relacionados às atividades econômicas do santuário.⁹⁵ Muitas dúvidas permanecem no que diz respeito à funcionalidade do edifício, dos altares e ao tipo de culto que ali se realizava. Nenhuma fonte literária menciona estes altares dispostos em fileira e apenas uma única inscrição encontrada rente ao Altar VIII permitiu os estudiosos associá-lo às divindades Castor e Pólux.⁹⁶ Chegou-se a cogitar a hipótese de que os altares e o santuário correspondessem à posição de Lavínio enquanto sede da Liga Latina e que cada altar atendia ao sacrifício de uma divindade específica. Mas e quanto ao edifício? Presidia algum culto ligado à água ou divindade fluvial? E qual a sua relação com o *heroon* encontrado nas proximidades?

Curiosamente, um pequeno túmulo/*heroon* foi descoberto acerca de cem metros a leste destes treze altares e se tornou depois conhecido como Túmulo de Enéias por coincidir, em alguns aspectos, com a descrição oferecida por Dionísio de Halicarnasso. Muito pouco da estrutura original foi preservada e esta construção foi quase reduzida aos alicerces. Como podemos conferir no esboço reconstrutivo, a tumba propriamente dita do século VII a.C (Letra C na Fig. 01) foi construída com blocos laterais de *cappellaccio* e coberta com lastras da mesma pedra constituindo, desta maneira, uma tumba em forma de caixa (do italiano *tomba a cassa*). Seu antigo ocupante parece ter pertencido à elite guerreira a julgar pelo contexto da deposição e os pertences do morto: um anel de bronze parte de uma fíbula zoológica, fragmentos de uma couraça e de armas cortantes.⁹⁷ Além disso, alguns objetos de metal encontrados foram identificados como partes de um carro de combate sepultado junto como o morto. Vestígios de ossos humanos foram também localizados durante a escavação da tumba, mas tão deteriorados a ponto de impedir uma análise mais apurada da paleoantropologia.⁹⁸ A tumba e os pertences foram cuidadosamente encobertos por um monte de terra batida circundada por um anel murário de contenção formado por blocos irregulares de *capellacio*.

A cronologia do sepulcro é bem complexa visto que a tumba principesca foi reconsagrada e uma fachada monumental incorporada ao edifício no Séc. IV a.C. Deste período em diante é detectado no monumento um outro tipo de evidência arqueológica relacionada a contexto votivo, o que sugere o início de culto heroico com a deposição de oferendas regulares no túmulo.⁹⁹ Na parte mais recente foram encontrados numerosos vasos de pequeno tamanho (enócoas e cálices de cerâmica miniaturizados e revestidos com verniz negro) e alguns fragmentos de crateras em forma de sino datados entre o séc. IV e o séc III a.C.¹⁰⁰ Os vestígios remanescentes da intervenção construtiva incluem (Letra A na Fig. 01) um *pronaos* ou vestíbulo que mede cinco metros de largura por dois metros de comprimento ladeado por duas *antae* e uma pequena *cella* quadrada (Letra B

⁹⁵ Stefania PANELLA, “Lavinio. Enea Ritrovato”, Letizia ABBONDANZA y Filippo COARELLI, *Apoteosi da Uomini a Dei. Il Mausoleo di Adriano, Roma, Museo Nazionale di Castel Sant’Angelo*, Roma, Munus, 2014, p. 326.

⁹⁶ R. Ross. HOLLOWAY, *The Archaeology of Early Rome...* cit., p. 130.

⁹⁷ Stefania PANELLA, “Lavinio. Enea...” cit., p. 325.

⁹⁸ Karl GALINSKY, “The Tomb of Aeneas at...” cit., p. 5.

⁹⁹ Cairoli Fulvio GIULIANI, “Santuário Delle Tredici...” cit., p. 172; Stefania PANELLA, “Lavinio. Enea...” cit., p. 325.

¹⁰⁰ Para a tipologia dos artefatos de cerâmica encontrados neste depósito votivo do *heroon*, conferir a descrição de Edoardo Tortorici para o catálogo da mostra *Enea Nel Lazio, Archeologia e Mito*. Edoardo TORTORICI, “Heron di Enea”, Ferdinando CASTAGNOLI, Lucos COZZA [et. al.] (orgs.), *Enea nel Lazio, Archeologia e Mito. Catalogo della Mostra*, Roma, Fratelli Palombi, 1981, pp. 185-186.

na Fig. 01) de aproximadamente dois metros de largura por dois metros de comprimento, as duas partes construídas com blocos de tufa.¹⁰¹ Enquanto o vestíbulo ficava a céu aberto, a *cella* permanecia inacessível aos visitantes, pois estava conectada à porção exterior do monumento por uma porta falsa. Por sorte, uma generosa parte desta porta de tufa, modelada a partir de um protótipo de madeira e ferro, sobreviveu inclusive com o delicado simulacro do puxador talhado na pedra. A porta que hoje se encontra no *Museo Archeologico Lavinium* da comunidade de Pomezia, mede dois metros de altura e foi parcialmente restaurada (Fig. 02).

Ilustración 2

Porta modelada em tufa do dito heroon de Enéias



Fuente: Fotografia cedida por Gloria GALANTE, diretora do Museo Archeologico Lavinium em 27/10/2015.

Além da porta esculpida na pedra, a inacessibilidade da *cella* do *heroon* é indicada pela ausência de qualquer tipo de revestimento no piso que foi rebaixado de forma a ficar no mesmo nível da antiga sepultura do séc VII. Já o piso do vestíbulo é ligeiramente inclinado para permitir o escoamento da água da chuva e o que leva também a sugerir a ausência de qualquer tipo de cobertura nesta parte do monumento.

Mais do que o tamanho, este túmulo chama a atenção pela sua localização singular: afastado da necrópole, próximo ao curso d'água e vizinho à área sacra dos Treze Altares. Em comparação com outros monumentos funerários conhecidos da Antiguidade como o Túmulo de Atreu em Micenas, o Mausoléu de Augusto ou o Sepulcro dos Antoninos, o *heroon* de Lavínio teria dimensões bem comedidas. Porém, em comparação com as tumbas

¹⁰¹ Karl GALINSKY, “The Tomb of Aeneas at...” cit., p. 3.

encontradas na necrópole sudoeste da cidade, o dito *heroon* ganha destaque pela dimensão incomum e pelo formato circular. Possivelmente oferecia aos transeuntes a impressão de um monumento construído pelos homens de outrora, cravado em um passado imemorial para hospedar ou celebrar alguém ilustre.

A hipótese mais difundida entre os estudiosos com base na datação da evidência arqueológica é a da ressignificação deste edifício, ou seja, uma tumba principesca foi convertida em espaço de culto a partir da incorporação de uma fachada monumental ao túmulo. O período desta intervenção coincide com início do depósito votivo e a vinculação entre Lavínio e o Ciclo Troiano na documentação textual (Timeu de Tauromênio) e epigráfica (inscrição de Tor Tignosa). Data também do séc. IV uma fase de ampliação e prosperidade do Santuário dos Treze Altares. Estas correspondências cronológicas levaram os estudiosos a datar de meados do séc. IV a.C, o processo de assimilação entre a tumba e o início de um culto ao fundador local. É também possível que a população de Lavínio já reivindicasse esta posição para o herói troiano Enéias. Não apenas a localização, mas também o formato do túmulo encontrado na década de 50 guarda alguma semelhança com a descrição oferecida por Dionísio de Halicarnasso para o *heroon* de Enéias em Lavínio. O historiador grego especifica que o santuário-heroon possui o formato de um túmulo arredondado e de pequeno porte.¹⁰² Como bem lembra Galinsky, Dionísio enfatiza o tamanho comedido da construção através do diminutivo *chomation* e reforça isso através da frase *ou mega*.¹⁰³ O mesmo o descreve entre uma fileira de árvores e bem próximo ao curso do rio Numício.¹⁰⁴

Se este túmulo convertido em *heroon* era de fato associado pelos habitantes do Lácio ao fundador Enéias não é possível saber, mas chamaria possivelmente a atenção de qualquer indivíduo que visitasse os santuários da cidade e que ali distinguiria um edifício de notável antiguidade. Ainda no campo da factibilidade, é pertinente supor que um monumento como este -tal como a Cabana de Rômulo no Palatino que era reconstruída a cada intempérie climática- propiciasse materialidade visual ao passado heroico que os poetas tentavam reavivar através dos seus versos.

De forma indireta, mas não pouco evidente, Virgílio alude à versão do desaparecimento do herói nas águas do rio Numício. No Livro IV da *Eneida*, o poeta coloca na boca da rainha Dido, determinada a morrer em virtude do abandono do herói, uma maldição. A rainha cartaginesa invoca Hécate e Juno como testemunhas e chama sobre Enéias a inimizade dos povos itálicos e a matança sobre seus companheiros. Estas palavras, ela lança ainda deitada na pira funerária:

[...] *complexu avulsus Iuli
auxilium impleret videatque indigna suorum
funera; nec, cum se sub leges pacis iniquae
tradiderit, regno aut optata luce fruatur;
sed cadat ante diem mediaque inhumatus harena]*¹⁰⁵

¹⁰² DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, I, 64.05.

¹⁰³ Karl GALINSKY, "The Tomb of Aeneas at..." cit., p. 6.

¹⁰⁴ DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, I, 64.05.

¹⁰⁵ VIRGÍLIO, *Eneida*, IV, 616-620.

Foragido e dos braços arrancado
do seu Ascânio, auxílio implore e veja
dos seus indignas mortes; e nem, quando
se curve às condições de paz iníqua,
do reino goze, nem da cara vida,
mas caia antes de tempo e
jaza insepulto em arenosa praia

Parte da maldição é uma antecipação dos acontecimentos contidos no poema e tem o sentido de preparar o leitor/ouvinte para a temática das guerras que predomina nos seis últimos livros do poema. Dido antecipa o egresso de Enéias do acampamento troiano para requisitar o auxílio de Evandro, fundador de *Palanteum*. Neste meio tempo, entre a partida e o regresso do herói, Iúlo se encontra em dificuldades, defendendo o acampamento troiano do assalto de Turno e dos chefes itálicos. Por outro lado, parte da maldição de Dido contempla acontecimentos que não estão contidos no tempo da ação poética, mas fazem parte dos desenvolvimentos da história de Enéias a partir da fundação de Lavínio. Podemos inferir que estes eventos eram familiares ao público interlocutor do poema, do contrário não estariam em alusão neste trecho da maldição de Dido. Primeiramente, a rainha refere-se ao curtíssimo tempo de reinado e de vida *-ante diem cadat-* que serão desfrutados pelo herói depois da paz selada com os latinos. Paz que a rainha desqualifica como iníqua devido à discórdia e às mortes que a ocasionarão. Nesta mesma passagem, o poeta traz ambiguidade à narrativa ao aludir à versão menos glamourosa e obscura da morte do herói, ou seja, o seu desaparecimento nas águas do rio Numício e a ausência de um corpo para sepultar. Como Catão nas *Origens* -citado a propósito deste verso pelo escoliasta Sérvio- Virgílio parece não oferecer nesta passagem qualquer perspectiva quanto à divinização do herói.¹⁰⁶ Como já argumentamos a respeito de outras passagens do poema, porquanto característica de estilo, o mantuano busca em alguns trechos gerar o efeito de ambiguidade e, como consequência, evita esgotar a complexidade dos mitos amalgamando duas ou mais versões de uma mesma história.

A maldição de Dido que promete um final infame para Enéias parece gerar ambivalência em vista das profecias de Júpiter que prometem a acolhida do troiano no panteão celeste. O sumiço deste nas águas do Numício, assim como o desaparecimento de Rômulo em meio a uma tempestade misteriosa, gerou interpretações plurais. O desvanecimento do herói parece ser uma etapa importante no processo de transição destes semideuses para um estatuto divino que se completa com a instituição de um culto e sacrifícios por parte dos mortais. Todavia, esta transição não está imune de controvérsias e ruídos. Tio Lívio informa, na *História Romana* que enquanto alguns concluíram que Rômulo foi alçado ao Olimpo, outros começaram a olhar com desconfiança para os senadores.¹⁰⁷ Virgílio acrescenta à versão do Enéias desaparecido, assimilado a um santuário-*heroon* e cultuado como *Indiges*, a noção de uma divinização sideral muito semelhante àquela reconhecida a César e que é prometida também a Otávio nas *Geórgicas* e na *Eneida*.¹⁰⁸

¹⁰⁶ CATÃO, *Origens*, fr. 7a; SÉRVIO, *Comentário a Eneida*, IV, 620.

¹⁰⁷ TITO LÍVIO, *História Romana*, I, 16.

¹⁰⁸ VIRGÍLIO, *Geórgicas*, I, 24-28; *Eneida*, I, 286-294.

Conclusão

Tentamos demonstrar neste artigo como a divinização de *Enéias* é o aspecto de um mito com vários estratos temporais sem termos noção do quão profundo teríamos que cavar para encontrar as camadas mais antigas. Primeiramente, esbarramos na dificuldade de datar o processo de incorporação deste herói homérico no meio local do qual os primeiros registros remontam ao século IV, mas nada nos impede de conjecturar que tenha acontecido antes. Através do testemunho de Cássio Hemina e mais especificamente de Dionísio de Halicarnasso e de Tito Lívio, conhecemos que o filho de Vênus e Anquises recebia em Lavínio um tipo de culto específico que o aproximava das divindades ctônicas e o ligava a um possível *heroon*/cenotáfio. Por maiores que sejam os problemas de definição relativos ao epíteto *Indiges* -que o herói compartilhava com outras divindades locais- a ideia de uma potência que age e fala do interior permanece como núcleo semântico comum das hipóteses linguísticas já apresentadas. Virgílio, por sua vez, é o primeiro autor da literatura latina a descrever a divinização de Enéias nos termos de uma elevação sideral. Mesmo não ignorando a vertente da tradição que reconhece o *Pater Indiges* como divindade local de Lavínio, este poeta reforça a marca do herói como ancestral dos *Iulii*, aproximando sua apoteose da de César.